

Primeiro estágio em língua francesa:

reflexões sobre material didático e interculturalidade crítica

Higor Lima da Silva

RESUMO: Relatam-se as experiências e reflexões do Estágio Curricular Supervisionado em Língua Francesa I, feito entre abril e agosto de 2022 no Centro de Estudos de Línguas Professora Alice Chuery, localizado em Guarulhos – SP. A partir da observação da infraestrutura institucional e das aulas, o estágio permitiu explorar temas como a seleção de materiais didáticos, a interculturalidade crítica e o uso de recursos digitais no ensino de francês como língua estrangeira (FLE). Fundamentado em referenciais teóricos sobre o ensino de línguas estrangeiras (LEs) no Brasil e nos documentos oficiais da República Federativa do Brasil que regulam a Educação do país e o funcionamento dos Centros de Estudos de Línguas (CELs), este relato evidencia a importância da prática docente reflexiva e da adaptação metodológica às realidades locais. Conclui-se que o estágio consolidou a formação inicial do licenciando, destacando desafios e potencialidades do ensino público de línguas estrangeiras na República Federativa do Brasil.

Palavras-chave: Interculturalidade crítica. estágio supervisionado. língua francesa. material didático. tecnologia educacional.

ABSTRACT: The experiences and reflections of the Supervised Curricular Internship in French Language I, carried out between April and August 2022 at the Professor Alice Chuery Language Studies Center, located in Guarulhos – SP, are reported. Through observation of the institutional infrastructure and classes, the internship allowed for the exploration of topics such as the selection of teaching materials, critical interculturality, and the use of digital resources in teaching French as a foreign language (FFL). Based on theoretical references on foreign language teaching in Brazil and the official documents of the Federative Republic of Brazil that regulate the country's education and the operation of Language Study Centers, this report highlights the importance of reflective teaching practice and methodological adaptation to local realities. It is concluded that the internship consolidated the initial training of the undergraduate student, highlighting challenges and potentialities of public teaching of foreign languages in the Federative Republic of Brazil.

Keywords: Critical interculturality. supervised internship. French language. teaching material. educational technology.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado constitui um eixo fundamental na formação docente, permitindo ao licenciando confrontar teoria e prática em contextos reais de ensino. No curso de licenciatura em Letras Português e Francês da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP), o Estágio Curricular Supervisionado em Língua Francesa I visa integrar os futuros professores às dinâmicas pedagógicas de instituições públicas e privadas, com ênfase na reflexão crítica sobre metodologias, recursos didáticos e desafios socioeducacionais.

Desenvolvido durante o estágio no Centro de Estudos de Línguas (CEL) Professora Alice Chuery, este relato documenta a observação de 20 aulas de francês como língua estrangeira (FLE), realizada entre abril e agosto de 2022. A análise estrutura-se em dois eixos: caracterização da instituição e observação das aulas, os quais evidenciam o aprendizado obtido e a importância do estágio obrigatório na licenciatura em língua francesa.

Por esse motivo, a fundamentação teórica apoia-se em textos sobre o ensino de línguas estrangeiras (LEs) no Brasil (Leffa, 2012; Oliveira, 2015; Rocha, 2016) e sobre a interculturalidade crítica (Candau, 2012; Walsh, 2010), e em documentos oficiais da República Federativa do Brasil que regulam a Educação do país, em especial no ensino de língua estrangeira (Brasil, 1998, 2000, 2018, 2019) no funcionamento dos CELs (São Paulo, 2014).

Nessa experiência, acompanhei presencialmente vinte aulas de FLE no CEL Profa. Alice Chuery, localizada em Guarulhos – SP. Esse CEL tinha seis turmas de francês e cada uma tinha quatro aulas semanais de 45 minutos e um intervalo de 10 minutos, sendo uma turma com as quatro aulas no mesmo dia (e intervalo de vinte minutos) e cinco turmas com duas aulas em dois dias diferentes. Dentre essas turmas, observei vinte aulas de quatro das seis turmas de francês da unidade: 1º estágio B (média de oito alunos), 1º estágio C (média de vinte alunos), 2º estágio A (média de sete alunos) e 3º estágio B (média de sete alunos), sendo

todas elas turmas do nível A1¹, com alunos da faixa etária aproximada de onze a dezessete anos.

CARACTERIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Os Centros de Estudos de Línguas

A primeira implementação do ensino de LEs no Brasil se deu no período colonial, com os jesuítas que objetivavam educar os colonos e catequizar os indígenas (Oliveira, 2015, p. 28). Em 1841, durante o período imperial, a reforma do Ministro Antônio Carlos garantiu “[...] a presença das línguas antigas e modernas como o latim, grego, francês, inglês, alemão e italiano (facultativo) em todos os estágios do Colégio D. Pedro II” (Oliveira, 2015, p. 29). Porém, “apenas em 1857, com a reforma do Marquês de Olinda, houve uma preocupação com a metodologia de ensino das línguas vivas estrangeiras: francês, inglês, alemão e italiano” (Oliveira, 2015, p. 29), e somente no final do período imperial a metodologia do ensino de LEs no Brasil, sob influência europeia, deixou a metodologia tradicional de influência dos jesuítas e gramáticos portugueses (Oliveira, 2015, p. 29).

Desse modo, no período republicado houve muitas reformas com perspectivas e prestígios diferentes sobre a aquisição de LEs, acompanhadas de cenários distintos, sobretudo no século XX, com o inglês tornando-se a língua franca e a educação brasileira se alargando para atender obrigatoriamente toda a população (Oliveira, 2015). Portanto, observa-se que desde a primeira implementação do ensino de LEs no Brasil, houve muitas mudanças metodológicas, de oferta e de legislação.

Também se observa que

No passado, [...] o professor estava subordinado ao método, visto como a solução para o ensino de línguas. A busca incessante de um método certo, de aplicação universal e que superasse as deficiências do professor, deu origem

¹ Essa divisão de níveis de proficiência advém do *Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues* (“Quadro Comum Europeu de Referência”) (CECR, 2001).

a inúmeras propostas, todas elas, no entanto, com resultados que sempre deixaram a desejar. [...].

No presente, depois de se chegar à constatação histórica de que o método produzia mais sequelas do que soluções, a desilusão foi tão grande que se optou drasticamente pela sua extinção; o ensino de línguas tinha chegado à era pós-método. Chegava-se à conclusão que cabia ao professor decidir o que fazer na sua sala de aula, partindo de seu contexto de atuação, considerando a realidade dos alunos e a relação com outras áreas de conhecimento. Para fazer a integração como entorno cria-se a pedagogia de projetos e tenta-se desenvolver a aprendizagem crítica e esclarecida da L2 [língua segunda] (Leffa, 2012, p. 407).

Ou seja, verifica-se que, de métodos fechados em suas próprias noções de linguagem e ensino, passou-se a pensar o fazer pedagógico a partir de abordagens: “brincadeiras” com as possibilidades metodológicas, normalmente pensando o curso em uma sequência didática que resulte em um projeto.

Isso posto, um dos resultados das mudanças novecentistas brasileiras sobre o ensino de LE foi a criação dos Centros de Estudos de Línguas (CELs), que são instituições públicas vinculadas à Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Rocha, 2016). Criados em 1987 para fomentar o ensino de espanhol, em consonância com o ideal de integração latino-americana, os CELs gradualmente passaram a ampliar o acesso gratuito ao ensino de LEs modernas, oferecendo outras línguas como a alemã, brasileira de sinais, chinesa, francesa, inglesa, italiana, japonesa e portuguesa – essa somente para migrantes internacionais (Rocha, 2016; São Paulo, s.d.). O que é um “ganho”, visto que, conforme as *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB), no Ensino Médio, a oferta da língua inglesa é obrigatória e a da língua espanhola é preferível dentre quaisquer outras línguas que podem ser ofertadas optativamente (Brasil, 2019, p. 25).

Os CELs funcionam dentro de escolas estaduais, em estrutura semestral, com estágios organizados em níveis, carga horária específica, certificação e horários diversos (inclusive aos sábados) (Rocha, 2016), atendendo, conforme a *Resolução SE 44*, de 13 de agosto de 2014, alunos do Ensino Fundamental Anos Finais (EFAF) (a partir do 7º ano), Ensino Médio (EM) e Educação de Jovens e Adultos (EJA) matriculados na rede pública de ensino (São Paulo, 2014). De acordo com o art. 24 das LDB, seus níveis de ensino “IV – poderão organizar-se

classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis equivalentes de adiantamento na matéria [...]” (Brasil, 2019, p. 18).

Todavia, apesar de São Paulo ter mais de cento e oitenta CELs, essa quantidade não é tão expressiva em comparação com o tamanho do Estado e dos alunos da rede pública. Concomitantemente, a quantidade de programas como o CEL pelo Brasil tampouco é relevante em comparação com o tamanho do país e da quantidade dos alunos da rede pública.

As oportunidades de aprender línguas nos Centros de Línguas das redes oficiais, **existentes em algumas partes do Brasil**, são entendidas como suplementares à oferta de Língua Estrangeira dentro do currículo, no sentido de que outras línguas, além daquela incluída na rede escolar, possam ser também aprendidas (Brasil, 1998, p. 19, grifo meu).

Nesse sentido, embora a oferta de cada idioma dependa da demanda da região, considera-se que a ampliação de programas como os CELs, bem como a sua divulgação, são um ensejo para garantir a ampliação da formação cultural, inserção profissional (Educação), desenvolvimento da autopercepção cidadã, da “[...] capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social” (Brasil, 1998, p. 15), uma vez que a proficiência de LEs modernas é um “[...] instrumento de acesso a informações e a outras culturas e grupos sociais” (Brasil, 2000, p. 95) e que são programas como esses que desempenham papel relevante na democratização do acesso ao ensino de LEs, diversidade cultural e formação crítica e intercultural para inserção no mundo globalizado.

A infraestrutura física e profissional do CEL Profa. Alice Chuery

O CEL Profa. Alice Chuery tem uma infraestrutura bonita e possui uma boa localização geográfica do município, onde há muitas linhas de ônibus que passam ao redor e vão para diversos bairros. Não obstante, esse CEL compartilha o mesmo espaço do ensino regular do Programa de Ensino Integral (PEI) da Escola Estadual (E.E.) Professora Alice Chuery, e boa parte dos alunos dos cursos de línguas também estudam no ensino regular da

mesma instituição de ensino, sendo poucos os de outras escolas, apesar de haver apenas dois CELs em Guarulhos.

Conforme a Ficha Gerencial da Escola, essa escola tem um total de 1549 alunos e presta atendimento ao Ensino Médio (no período matutino, com dezoito classes e 699 matrículas; e no período noturno, com sete classes e 265 matrículas), Ensino Fundamental Anos Finais (no período vespertino, com dezessete classes e 585 matrículas), Atividades Curriculares Desportivas e Artísticas (ACDA [no período matutino, com duas classes e cinquenta e cinco matrículas; e no período vespertino, com uma classe e trinta matrículas]) e de Idiomas (CEL).

Por estar em uma boa localização geográfico-econômica, ela não tem Adicional de Local de Exercício (ALE)². Por outro lado, ela também não fornece a disciplina Ensino Religioso e o programa Escola Família. Quanto a sua gestão, ela possui supervisão própria, tendo: dez coordenadores pedagógicos, três vice-diretoras titulares (sendo somente uma efetiva) e uma diretora (efetiva). Quanto ao corpo docente, ela possui dez Professores de Educação Básica I (PEB I) não efetivos, vinte e nove Professores de Educação Básica II (PEB II) efetivos e outros vinte e nove não efetivos, somando um total de sessenta e oito professores em exercício. Por fim, a escola ainda conta com oito Agentes de Organização Escolar efetivos e três não efetivos, um Assistente Administrativo e um Gerente de Organização Escolar (GOE).

Conforme a minha observação da instituição de ensino, há um estacionamento, uma quadra poliesportiva e um prédio com o térreo, o primeiro e o segundo andar, e duas entradas em ruas diferentes, sendo a entrada da Rua Antônio Camargo (n. 130, Vila São Jorge, Guarulhos – SP), a entrada de acesso ao estacionamento e da secretaria, que é a responsável por liberar o acesso e saída do interior da escola aos funcionários, alunos do CEL e, gradualmente, nós estagiários. A outra entrada, na Rua Serra do Salitre (n. 107), é destinada à entrada e saída dos alunos em período das aulas do ensino regular.

² Adicional pago aos profissionais das escolas públicas em locais de vulnerabilidade social.

Há na PEI E.E. Profa. Alice Chuery vinte e duas salas de aulas, um auditório, uma quadra coberta, dois vestiários (um masculino e outro feminino), dois sanitários aos funcionários (um masculino e outro feminino), dois sanitários aos alunos (um masculino e outro feminino), uma sala de leitura, uma lavanderia, um pátio coberto e um descoberto, uma copa, um refeitório, duas cantinas (uma particular e outra pública), uma cozinha, um depósito de alimentos, uma sala do grêmio, uma sala da diretora e uma das vice-diretoras, uma sala da coordenação do ensino regular, uma sala da coordenação do CEL, uma sala dos professores, uma sala de secretaria, uma sala de arquivo, uma zeladoria e um almoxarifado. Observa-se que essa escola não consegue ser inclusiva em si, pois ela não tem acessibilidade para deficientes físicos.

No térreo, está localizada a secretaria. Descendo uma pequena escada há, ao lado direito, uma área que chamam de jardim e, ao lado esquerdo, os banheiros dos funcionários e a sala dos professores. Na frente do jardim, fica a sala da coordenação do CEL, ao lado esquerdo dessa sala, há a sala de depósito dos materiais de limpeza e, ao lado disso, temos acesso a dois lances de escadas que levam ao primeiro andar, em seguida, mais dois lances de escadas que levam ao último andar.

Para o lado direito da sala da coordenação do CEL, há um espaço com um banco e as duas salas destinadas às aulas do CEL. Assim como as demais salas da escola, ambas possuem dois ventiladores, televisão no fundo, projetor de vídeo e caixas de som, além de senha para abrir as portas do lado de fora. Também, dentro das salas de aula, costuma haver uma pequena prateleira de livros no fundo e algumas possuem armário com chave – em somente uma das salas do CEL há dicionários.

Essas duas salas do CEL ficam ao lado da quadra e do pátio, o que dificulta algumas aulas por conta do barulho, visto que o pátio da escola é consideravelmente grande e bem movimentado: nele há dois pebolins, duas mesas de pingue-pongue, uma cantina privada, uma cantina própria da escola, os banheiros dos alunos, um bebedouro, mais lances de escadas para dar acesso aos andares de cima e alguns professores dando aulas práticas.

Todavia, a escola é bem organizada, limpa e pintada. Ela tem câmeras em todos lugares (exceto banheiros) e informativos de protocolo contra coronavírus. Uma das

funcionárias diariamente verifica se precisa reabastecer os recipientes de álcool gel que ficam espalhados pela escola inteira. Há alguns vasos de plantas por todo o ambiente escolar e boa ventilação por conta da arquitetura (paredes com furos quadrados). Pelos corredores, há alguns quadros e algumas imagens do *Projeto cultural* da Associação Internacional Arte sem Fronteira, onde a comunidade escolar pode apreciar pinturas paulistas, pré-colombianas e alemãs.

Também nos corredores, foram observados QR Code de pesquisa de campo, informação do número da sala, professor e disciplina da respectiva sala e informações sobre a chapa do Grêmio Estudantil. No entanto, nota-se que fora das salas às vezes temos pisos diferentes e que o térreo sempre costuma, no período vespertino, ter um fluxo médio de estudantes circulando. Outro fato importante é que em uma das salas do CEL há uma estante de livros que podem ser emprestados, possuindo autores como: Rousseau, Victor Hugo, Bernard Werber etc.

O CEL Profa. Alice Chuery no ambiente digital

O CEL Profa. Alice Chuery fornece cursos de espanhol, francês e inglês (o italiano deixou de ser ministrado na unidade escolar há alguns anos). Em 2022, ele possuía quatro blogs, um *website* e uma página no Facebook – sendo esses dois últimos recursos digitais os ainda utilizados.

O blog *Centro de Estudo de Línguas Profa. Alice Chuery* parou de ser usado em 2009 e tem apenas quatro postagens. Conta-se nele que esse CEL foi fruto do empenho de quatro diretoras de escolas estaduais, que em 2002 solicitaram ao dirigente da Diretoria Regional de Ensino Guarulhos Sul a abertura de um CEL na E.E. Profa. Alice Chuery, cuja inauguração foi no ano seguinte. O segundo blog, *Centro de Estudos de Línguas Profa Alice Chuery* é voltado à oferta de língua francesa da unidade escolar. Nele, podemos acessar algumas das atividades realizadas com as turmas de francês.

O terceiro blog, *Centro de estudos de línguas E.E Profª. Alice Chuery: Francês*, é voltado às turmas de francês de uma professora, tendo cessado suas publicações em 2014, porém, elas seguem o mesmo objetivo do blog mencionado anteriormente: registrar algumas das atividades realizadas com as turmas de francês. O último blog, *Alice Chuery*, que cessou suas publicações em 2012, é de uma professora de História que expõe atividades relacionadas com as turmas nas quais ministrou aulas e que também reconta quem foi Alice Chuery.³

Já o *website* da escola tem o objetivo de funcionar como meio comunicacional das atividades desenvolvidas. Nele, encontramos informações sobre o funcionamento da escola, como a grade horária de aula, o e-mail e o telefone de contato da escola, indicações de uniformes dos alunos, vídeos de atividades da escola e um formulário para que o internauta se mantenha atualizado das publicações do *website*. Ademais, na página do Facebook, encontram-se as mesmas informações do *website*, exceto que nele vemos mais atividades feitas pelos alunos.

Dessa maneira, observei que a PEI E.E. Profª. Alice Chuery busca, desde a sua “fundação”, uma ótima oferta de línguas à comunidade e que, além das exposições culturais dos alunos do CEL, ela fornece o Sarau Cultural, participação no concurso municipal de Jovens Escritores, na Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronauta (OAB) e o Agita Galera. Por outro lado, nota-se também uma atenção maior ao espanhol do que a outras línguas oferecidas pelo CEL, já que em suas publicações atuais encontramos textos apenas em português e espanhol.

OBSERVAÇÃO DAS AULAS

Sobre os cursos do CEL Profª. Alice Chuery

³ Alice Chuery (1919 – 1981), destacou-se como uma professora de Inglês dedicada e missionária atuante na Convenção Batista Paulistana, sendo lembrada por seus familiares como uma tia amorosa e dedicada ao ensino da língua inglesa (Alice Chuery). Chuery formou-se como normalista no Colégio Batista Brasileiro, onde também lecionou por muitos anos (Alice Chuery). Ela faleceu em 1º de abril de 1981, sendo posteriormente homenageada como patrona da atual Escola Estadual Alice Chuery, antiga Escola Estadual de Primeiro Grau de Vila São Jorge (Alice Chuery).

Há, no CEL Profa. Alice Chuery, seis turmas de francês e somente uma professora (temporária) regente delas. Nele, espanhol e francês têm duração de três anos, e são ofertados a estudantes de escolas estaduais que estão matriculadas a partir do 7º ano, ao passo que o inglês é destinado a quem está no Ensino Médio e dura um ano. Portanto, penso que o inglês tem menor duração por ser ofertada obrigatoriamente ao menos desde o 6º ano do Ensino Fundamental público de São Paulo.

Seleção e uso dos materiais didáticos nos cursos de francês

Há dicionários de francês-português, contudo, faltam livros didáticos. A professora utiliza nove livros do *Alter Ego +1* (Berthet, 2012) que foram doados pela Aliança Francesa, porém, pela falta de uma boa quantidade, os livros ficam na escola e ela os empresta durante a aula quando a turma é pequena. Mas, quando a turma é grande, essa escassez de livros físicos limita atividades individuais, exigindo a projeção de conteúdos no quadro. Isso reforça a necessidade de políticas públicas para a produção de materiais por professores e pesquisadores brasileiros, por serem mais capazes de produzir materiais didáticos adequados e efetivos para a realidade brasileira e educação decolonial, incluindo nisso a compreensão de outras prosódias e culturas francófonas, as quais observo serem ignoradas nos livros didáticos da França.

A exemplificar, no CEL há bastante livros da coleção *Latitudes*, os quais a professora não gosta de utilizar por serem antigos. Como material complementar ao livro *Alter Ego +*, ela usa os livros *Conjugaison Progressive du Français* (“Conjugação progressiva do francês”), *Grammaire Progressive du Français* (“Gramática progressiva do francês”) e *Vocabulaire Progressif du Français* (“Vocabulário progressivo do francês”). Às vezes ela traz documentos autênticos (como a música *L'espace et le temps* [“O espaço e o tempo”], de Vincent Vallières, cuja letra ela trouxe impressa para cada aluno preencher as palavras que faltavam. Porém, ela disse ter cuidado, pois não gosta de misturar materiais de origem muito diversificada.

Em vista disso, embora o *Alter Ego +* seja mais utilizado por ser uma edição mais recente e de abordagem acional e por conter documentos autênticos (imagens, folhetim, ficha de inscrição, telejornal *etc.*), atividades com foco nos multiletramentos, exercícios de compreensão, produção oral e escrita, projeto e portfólio, ele não basta, porque o seu foco na cultura francesa enfraquece a possibilidade de uma educação intercultural crítica. Portanto, reforça-se a necessidade de subsídios para uma produção nacional de livros didáticos brasileiros para o ensino de francês – e outros idiomas ofertados pela rede pública –, aquisição de literatura estrangeira em seu idioma original – neste CEL, por exemplo, há poucas literaturas e todas de autores franceses – e uma melhor remuneração docente, para que se torne possível um ensino de LEs que garanta os direitos educacionais de formação cidadã, crítica, cultural e profissional.

No mais, considera-se que a interculturalidade crítica e *práxis* decolonial são caminhos frutíferos para a resolução dessa problemática de materiais didáticos “eurocêntricos” voltados para o público europeu. Considerando que a interculturalidade crítica questiona

as diferenças e desigualdades construídas ao longo da História entre diferentes grupos socioculturais, étnico-raciais, de gênero, orientação sexual, entre outros. Parte-se da afirmação de que a interculturalidade aponta à construção de sociedades que assumam as diferenças como constitutivas da democracia e sejam capazes de construir relações novas, verdadeiramente igualitárias entre os diferentes grupos socioculturais, o que supõe empoderar aqueles que foram historicamente inferiorizados (Candau, 2012, p. 244).

Ela propõe a construção de relações sociais e formas de saber fundadas na equidade, dignidade e descolonização. Por meio dela, a educação se torna um espaço de reconfiguração societal, não apenas voltada para povos indígenas e afrodescendentes, mas para toda a sociedade, rompendo com a lógica uni-nacional, monocultural e etnocêntrica (Walsh, 2010). Portanto, em sua *práxis* decolonial, a educação intercultural articula-se como ação pedagógica e política que emancipa o aluno, desnaturalizando a colonialidade do ser, do

saber, do poder e da natureza e permitindo o florescimento de “outros” modos de existir, conhecer e conviver que não reafirmem a mentalidade colonial (Walsh, 2010).

A dinâmica das aulas de francês

Os alunos entram na sala poucos minutos antes de a aula começar. A professora faz uma breve explicação do conteúdo perdido a quem faltou, faz a chamada de presença e cumprimenta todos, para dar início à aula do dia.

As aulas da professora são bilíngues (em português e francês) e as turmas são participativas e interessadas (anotam muita coisa do que ela fala e escreve na lousa). A professora motiva os alunos a ler em voz alta e os colegas se apoiam. Ela revê conteúdos que eles não internalizaram bem, dá visto em lições de casa etc. Assim, pode-se observar que a ótima pronúncia dos alunos de nível A1 é devida também ao empenho da professora, que pensa o seu fazer pedagógico com materiais além do livro didático. Além disso, nos momentos de os alunos responderem o exercício do livro, a professora cronometra um tempo razoável para eles fazerem.

Nas páginas dos livros que vi, há algumas atividades em grupo. Todavia, outra atividade em grupo é o projeto do semestre, o qual tem por temática a imigração e que, por ser voltado para toda a comunidade escolar, seria exposto em outros locais da escola e em língua portuguesa. Mas, como no bimestre anterior, os alunos aprenderam sobre a francofonia e no bimestre seguinte souberam da oportunidade de participar do evento “Direitos Humanos”, que teria como apresentante uma advogada especialista na área, a meu ver, esse evento poderia auxiliá-los a decidirem sobre o que apresentarão nesse projeto.

Saliento ainda que o projeto sobre imigração é um bom aspecto pedagógico do CEL, já que ele contempla a imersão cultural e invoca o conhecimento interacional dos alunos. Entretanto, penso que seria interessante se a apresentação fosse na LE estudada e que o tema não fosse tão aberto, porque assim os alunos praticariam mais a pronúncia e a professora

trabalharia melhor o pensamento crítico dos alunos sobre os efeitos da colonização francesa nos países francófonos com população em situação de refúgio em outros países.

Isso posto, em alguns momentos a professora abriu um espaço de discussão do texto lido no livro para assim filtrar e melhorar a interpretação textual dos alunos, o que é ótimo para a formação leitora em francês, inclusive porque a professora traz novas informações correlatas ao livro – como quando ela falou sobre a vida na França e informou que o *petit gâteau* não é francês ou quando ela explicou a pronúncia das palavras com “-ai”.

Depurando as observações, nota-se que o *Alter Ego +* é um manual com conteúdo acumulativo: por sequências didáticas, ele organiza o conteúdo de forma espiral e não como uma escada. Além disso, a professora fez uma atividade lúdica na qual me diverti muito ao assistir: (i) em casa os alunos deveriam escrever quatro frases em francês sobre o que gostavam, não gostavam, amavam/adoravam e detestavam; (ii) na aula eles fizeram um jogo de mímica/imagem em ação, no qual os alunos deveriam dizer em francês a coisa ou atividade que o colega gostava, desgostava, amava/adorava ou detestava.

Por essa razão, considero que, mesmo com os materiais externos ao livro que a professora traz, a sua abordagem é acional, porque em suas aulas os alunos são atores sociais em práticas sociais reais, as sequências didáticas estão em algum contexto social específico e há atividades fonéticas e gramaticais, questões culturais Brasil-França, documentos multimodais, verbais e não-verbais autênticos e assim por diante.

Instrumentos avaliativos das aulas de francês

Embora o curso seja semestral, ele é pensado em dois bimestres. Portanto, soma-se a média dos dois bimestres para se obter a média final.

De acordo com a professora, ela avalia as turmas conforme o seu contexto, todavia, os instrumentos avaliativos que ela costuma utilizar são:

- **Avaliação processual:** observação e anotação da conclusão de atividades, presença e participação nas aulas;

- **Atividades feitas durante o bimestre:** conforme o conteúdo, pode ser uma produção escrita, oral ou multimodal em língua francesa;
- **Projeto:** no bimestre anterior o projeto foi sobre a francofonia, no segundo bimestre de 2022 foi sobre imigração;
- **Avaliação somativa:** prova no final do bimestre, podendo ser exercícios de revisão, dependendo do contexto da turma.

Nesse sentido, observa-se que a professora tem um ótimo fazer pedagógico por pensar sobre o contexto da turma e dos alunos e dar atividades lúdicas envolvendo música, análise de um filme e afins. Concomitantemente, nota-se que ambos os projetos desenvolvidos no semestre ilustram a integração entre língua e cultura: a partir deles os alunos pesquisam assuntos que os fazem refletir sobre a diversidade e preconceito, portanto, partem para um ensino de LE como ferramenta de crítica social que promove a valorização de identidades marginalizadas dentro e fora da francofonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio permitiu reconhecer tanto que programas educacionais como os CELs são importantes por reforçarem o papel da escola pública como espaço de transformação social, onde o ensino de línguas transcende gramática para promover diálogo e cidadania, quanto a complexidade do ensino de FLE em escolas públicas, onde recursos limitados coexistem com a criatividade pedagógica: a professora regente demonstrou que a combinação de materiais autênticos, projetos interculturais e uso estratégico de tecnologias pode superar barreiras estruturais, ainda que parcialmente. Assim, como futuro docente, percebi a importância tanto de adaptar teorias a realidades locais, evitando modelos rígidos, quanto necessidade de os professores se unirem para ações políticas que visem assegurar os direitos e a melhora das condições trabalhistas, pois o cenário de ensino de LE na rede pública carece de mais ofertas e materiais didáticos voltados para o público brasileiro. Portanto, sugiro investir em formação tecnológica para professores e pensar em outras maneiras de ensinar uma LE que

não seja com o CECR e com materiais franceses estereotipados e eurocêntricos, pois eles não são suficientes para o aspecto humanizador do ensino de línguas – um dos caminhos é exigir a ampliação do acervo didático dos CELs e a valorização de outras LEs que não a inglesa em documentos como a *Base Nacional Comum Curricular* - BNCC (Brasil, 2018) e o *Plano Nacional do Livro e Leitura* - PNLL (Brasil, 2014).

REFERÊNCIAS

BERTHET, Annie *et al.* **Alter Ego + 1**. Paris: Hachette, 2012.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: língua estrangeira. 1998. p. 241-246 e 481-485. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/pcn_estrangeira.pdf. Acesso em: 14 mai. 2022.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2022.

BRASIL. **Caderno do PNLL**: Edição atualizada e revisada em 2014. Brasília: Ministério da Educação, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/pnll/arquivos/caderno-pnll.pdf/view>. Acesso em: 16 ago. 2025.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. **LDB**: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 3 ed. Brasília: Senado Federal, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/559748/lei_de_diretrizes_e_bases_3ed.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 15 mai. 2022.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em Direitos Humanos. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan.-mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/QL9nWPmwbhP8B4QdN8yt5xg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2025.

CENTRO DE ESTUDO DE LÍNGUAS EE ALICE CHUERY. Disponível em: <http://cel-alicechuery.blogspot.com/2009/08/historico-do-centro-de-linguas-alice.html>. Acesso em: 1 mai. 2022.

CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS PROFA ALÍCE CHUERY. Disponível em: <http://cel-alicechuery-frances.blogspot.com/>. Acesso em: 1 mai. 2022.

CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS E.E PROFA. ALICE CHUERY: FRANCÊS. Disponível em: <https://alicechueryfrances.blogspot.com/>. Acesso em: 1 mai. 2022.

CECR. **Cadre Européen Commun de Référence pour les Langues**. Conseil d'Europe, 2001.

ALICE CHUERY. Disponível em: <http://eealicechuery.blogspot.com/>. Acesso em: 1. mai. 2022.

CEL PROFA. ALICE CHUERY. Disponível em: <https://www.facebook.com/celalicechuery/>. Acesso em: 1 mai. 2022.

EE ALICE CHUERY – PROFESSORA. Disponível em: <https://www.alicechuery.com/>. Acesso em: 1 mai. 2022.

EDUCAÇÃO. **Oportunidade para aprender um novo idioma**. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/centro-estudo-linguas/>. Acesso em: 1 mai. 2022.

LEFFA, Vilson J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012 Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28616>. Acesso em: 25 jul. 2025.

OLIVEIRA, Renilson Santos. Linha do tempo da didática das línguas estrangeiras no Brasil. **Non plus**, n. 7, p. 27-38, 2015.

ROCHA, Vitória Garcia. **Estratégias de ensino nas salas multisseriadas de italiano dos Centros de Estudos de Línguas (CELS) da capital e da Grande São Paulo**. 202 f. 2016. Tese (doutorado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-06122016-120945/en.php>. Acesso em: 24 jul. 2025.

SÃO PAULO. **Resolução SE nº 44, de 13 de agosto de 2014**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento dos Centros de Estudos de Línguas – CELs, e dá providências correlatas. São Paulo, 2014. Disponível em: https://midiasstoragesec.blob.core.windows.net/001/2017/03/resoluo-se-44-2014_cel.pdf. Acesso em: 24 jul. 2025.

SÃO PAULO. **Transparência Educação**. (s.d.) Disponível em: <https://transparencia.educacao.sp.gov.br/Home/DetalhesPrograma?programa=1031>. Acesso em: 24 jul. 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: VIAÑA, Jorge; TAPIA, Luís; WALSH, Catherine. **Construyendo Interculturalidad Crítica**. Bolivia: Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, 2010. p. 75-96.

SOBRE O AUTOR:

Higor Lima da Silva é doutorando e Mestre em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Além disso, é licenciado em Letras (Português e Francês) pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8850255868436208>. E-mail: higorlimadasilva@alumni.usp.br